

Derivações de um discurso *ou* As Córdoba de Miguel Angel Roca

Gisela Barcellos de Souza

Arquiteta e urbanista, professora efetiva do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Av. Colombo, 5790, Zona 07, CEP 87020-000, Maringá, PR, (44) 3261-4429, gbsouza2@uem.br

Resumo

Este artigo aborda a construção do discurso e relação dialética que este estabelece com a prática que busca legitimar através da análise do processo de derivação do discurso de Miguel Angel Roca sobre do conjunto de sua obra, de modo geral, e sobre suas intervenções urbanas em Córdoba, em específico. Destarte, registram-se e analisam-se os movimentos através dos quais a reflexão do arquiteto argentino sobre sua produção desvia-se e afasta-se de seu referencial inicial em Kahn e na filosofia para aproxima-se do ideário da cidade figurativa.

Palavras-chave: Miguel Angel Roca, cidade figurativa, a cidade dentro da cidade.

Considerações iniciais

A compreensão da prática arquitetônico-urbanística e do discurso que a legitima como esferas distintas entre as quais se percebe uma independência relativa aparece hoje quase como um consenso no meio acadêmico e profissional. Os contornos que delimitam ambas as esferas – ou camadas, como prefere Secchi (2006) – reconfiguram-se continuamente, ora aproximando-as, ora afastando-as. A possibilidade, no entanto, de correspondência linear e exata parece negada pela origem: o discurso e a prática obedecem a lógicas distintas. De fato, uma determinada obra pode vir a ser interpretada sob distintos discursos – veja-se, por exemplo, a conhecida polêmica entre a abordagem da produção das vanguardas das primeiras décadas do século XX através das definições de Estilo Internacional ou de Movimento Moderno. Por outro viés, um mesmo discurso pode vir a justificar obras distintas – Corona Martinez (2000), por exemplo, demonstra-

o de forma quase irônica ao apresentar um excerto de Viollet-le-Duc sem a devida autoria, conduzindo o leitor a crer que este seja um texto de Le Corbusier, para somente depois, em meio à sua argumentação, apresentar seu verdadeiro autor.

Se, como nos demonstra a história, a busca por uma vinculação de causa e efeito entre o discurso e a prática revela-se inócua; não se pode, porém, afirmar a existência de uma total autonomia entre ambas as esferas, pelo contrário, “uma dimensão opaca de acontecimentos e de processos que interligam vestígios [da prática] e discursos de maneira nem sempre clara e previsível” (Secchi, 2006, p.19). Ora, percebe-se então que entre a prática e o discurso que a apóia estabelece-se uma relação dialética, na qual ambas as esferas, em detrimento de suas lógicas específicas, não podem ser compreendidas nem de forma desarticulada, nem a partir de um enfoque biunívoco.

A interpretação da história da arquitetura e do urbanismo a partir de uma leitura rasa desta premissa coloca-nos, todavia, alguns problemas. Se, por um lado, os argumentos utilizados para justificar a prática não se constroem independentemente dessa, como entender a transformação no discurso de um arquiteto sem uma aparente transformação de sua obra, ou seja, quando o próprio autor incorpora a totalidade de sua produção sob um novo ideário?

No presente trabalho, aborda-se tal problemática através da análise do processo de derivação do discurso de Miguel Angel Roca sobre o conjunto de sua obra, de modo geral, e sobre suas intervenções urbanas em Córdoba, em específico. Pretende-se registrar e analisar os movimentos através dos quais a reflexão do arquiteto argentino sobre sua produção desvia-se e afasta-se de seu referencial inicial em Kahn e na filosofia para aproxima-se do ideário da cidade figurativa¹.

Trabalha-se com a hipótese que o discurso de Miguel Angel Roca transforma-se em um curto lapso temporal, entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980, que coincide com sua passagem pela Prefeitura Municipal de Córdoba – como secretário de obras – e com a maior proximidade do contato que estabelece com o debate arquitetônico europeu então contemporâneo.

Uma cidade figurativa que se entrevê sob o silêncio, a luz e a ordem do movimento

Ao assumir o cargo de Secretário de Obras Públicas de sua cidade natal, em 1980, pelo prazo determinado de 20 meses, Roca já era um arquiteto reconhecido em seu país. Quatro anos após seu regresso à Argentina – depois da estadia de três anos de estudos na Pensilvânia, entre 1966 e 1969, durante parte da qual trabalhou para Louis Kahn – a Summa dedicou-lhe um primeiro dossiê. Em 1978, Marina Waisman o apresenta como um dos “arquitetos argentinos cuja trajetória merece ser acompanhada com atenção” (WAISMAN, 1978).

O aprendizado junto a Kahn deixou-lhe profundas marcas na forma de ver e pensar a arquitetura. A este referencial, mesclam-se suas leituras sobre

filosofia e seu interesse pela poesia. O então jovem arquiteto inquieta-se sobre o significado da arquitetura e busca compreendê-la tanto através dos ensinamentos de seu mestre, quanto a partir da dialética metafísica entre o ser e o não ser; tal preocupação manifesta-se nas ocasiões em que o arquiteto escreve sobre sua própria obra.

O supracitado dossiê publicado na Summa em 1978 é aberto por um texto de Roca que se intitula, significativamente, “*La Sombra es la Luz*”, numa clara referência a questões tão caras a Kahn. Neste texto, Roca aborda a arquitetura a partir da oposição entre o “dentro” e o “fora” como uma dialética entre o “ser” e o “não ser”. Neste enfoque, a fachada aparece como membrana, paradigma da articulação, na qual as portas são pontos de encontro entre o dentro e o fora e as janelas são espaços de confraternização.

“Todas as tentativas de definir o dentro e o fora se inscrevem em dialéticas de opostos, de sim ou não, simplificações geométricas do finito e do infinito, definições metafísicas do ser e do não ser. A simplificação do dentro e do fora é o germe de sua oposição e hostilidade, quando na realidade estes são termos complementares que se implicam. Definir o ser, o dentro, é querer esquematizá-lo para superar o circunstancial e definir todas as situações”. (ROCA, 1978a, p.23)

O título deste artigo, entretanto, leva-nos a ler as dialéticas que Roca aponta como similares à relação entre o Silêncio e a Luz tantas vezes abordada por Louis Kahn. Nas palavras do arquiteto americano o primeiro corresponderia ao “não luminoso, não obscuro (...) desejo de ser; desejo de se exprimir” e a segunda seria a “doadora de todas as presenças” (KAHN, 1996a, p.164). Ora, se, por um lado, Roca não resume as dialéticas que arrola nas metáforas de seu mestre, percebe-se, por outro lado, que em ambos os leitores de Heidegger, existe a mesma relação de fundo entre o “não ser” – ou o desejo de ser – e o “ser” – a presença.

Apesar desta similitude para com o pensamento de Kahn transparecer de forma sutil ao longo do texto, Roca o conclui, no entanto, retomando a relação entre luz e sombra de seu mestre americano, associando a esta última o “abaixo” – o reduto

dos medos – e àquela o “acima” – o céu. Em determinadas passagens esta semelhança torna-se ainda mais nítida. Tal qual Kahn, o arquiteto argentino critica utilização da iluminação artificial em arquitetura: “Numa civilização que climatiza, ilumina por igual, o homem perde a noção de profundidade da luz natural, do próximo, do acima, do abaixo, das sombras (...)” (ROCA, 1978a, p.24).

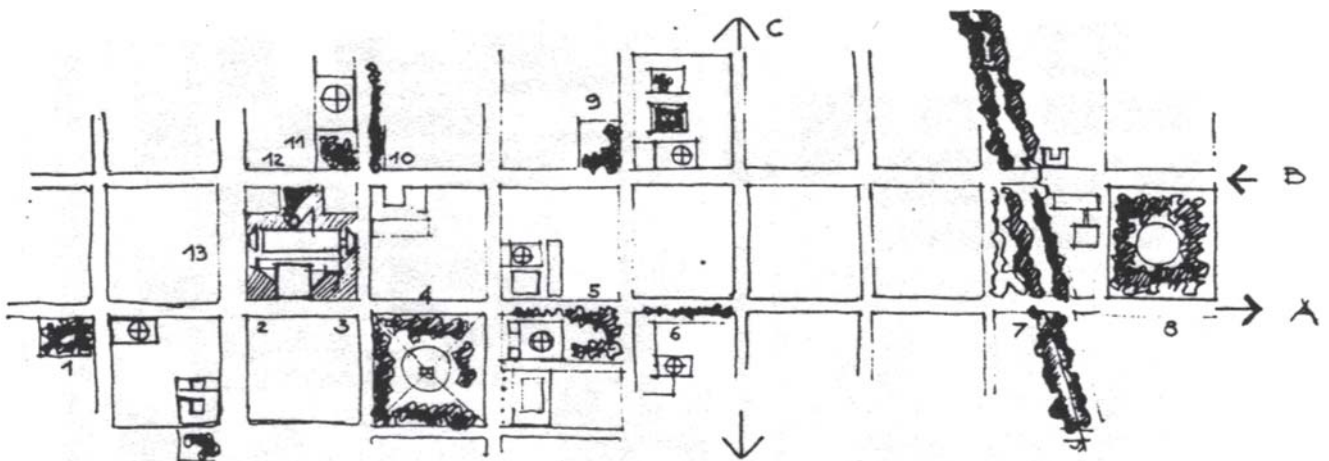
Enfim, nesta indissociabilidade entre a luz, o acima, e a sombra, o abaixo, afirmada no texto de Roca e presente em seu título, ecoa a frase de Kahn: “O que é feito pela Luz projeta uma sombra, e a sombra pertence à Luz” (KAHN, 1996b, p.214).

No mesmo dossiê em que o texto “*La Sombra es la Luz*” foi publicado, outro texto de Roca, “*Reflexiones sobre propósitos y temas*”, nos permite entrever – num de seus dez subtítulos que abordam temas relevantes para a produção do arquiteto – a postura do arquiteto face à intervenção urbana. Trata-se do subtítulo “*Interrelaciones Urbanas*” no qual Roca expõe um estudo preliminar que realizou para

Bell Ville – cidade a 200 km de Córdoba – que não chegou a ser desenvolvido. Apesar de não ter sido executado, este projeto, exposto através de uma curta descrição e de um pequeno croqui, interessa-nos pelas semelhanças que apresenta com as intervenções que Roca ensinará posteriormente para o centro de sua cidade natal.

No estudo para Bell Ville, Roca propõe uma seqüência de eventos – edifícios, praças e instituições – articulados ao longo da extensão de uma avenida definida como estruturadora. Ao descrever o projeto Roca afirma que o espaço público “assim celebrado, ascende à escala de rua, de edifício sem teto, visitado por eventos, silêncios ou pausas, climax” (ROCA, 1978b, p.27). Dentro desse contexto, o arquiteto afirma que as edificações devem “estruturar e reverenciar a composição coletiva” (*ibidem*). Assim como o projeto que Roca viria a desenvolver em Córdoba, percebem-se, nesta seqüência de articulação urbana, indícios do desejo de transformação da cidade em um texto claro, inteligível.

Figura 1: Croqui de estudo preliminar para Bel Ville. Fonte: ROCA, 1978b, p.27.



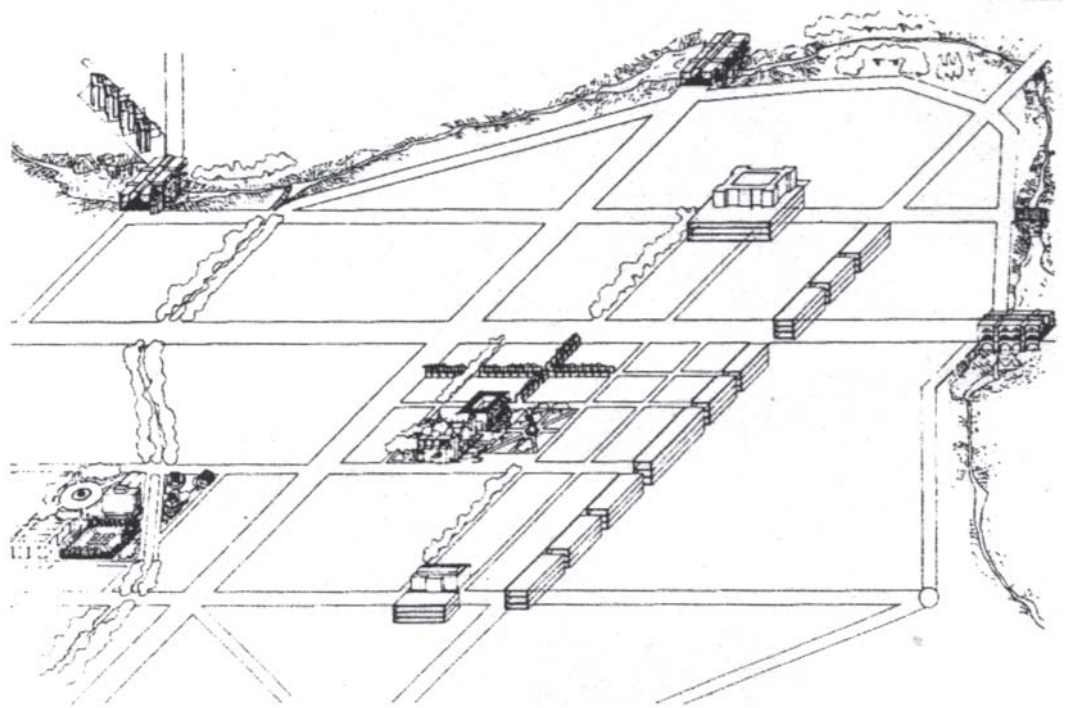


Figura 2: Axionométrica da proposta para área do centro de Córdoba. Fonte: ROCA, 1980a, p.34.

A proposta de intervenção urbana para Córdoba, por sua vez, seria apresentada na Summa dois anos mais tarde – em julho de 1980, nº151 – e complementada por dois outros artigos publicados em outubro de 1980 e em abril de 1981. A análise desta seqüência de textos, cotejada aos já dois analisados, permite-nos desvelar transformações nos argumentos utilizados pelo arquiteto para justificar a sua obra em um curto intervalo temporal.

No primeiro artigo – “*La ciudad de Córdoba em remodelación: renovación urbana*” – Roca apresenta a estratégia geral de intervenção em Córdoba. Este texto é introduzido por asserções gerais sobre as cidades, oportunidade na qual o autor reafirma as suas preocupações em aproximar a disciplina arquitetônico-urbanística à filosofia e à poética. Tal conciliação é colocada como uma condição caso “o estudo [urbanístico em questão] pretenda chegar a uma inteligibilidade conducente, a uma operacionalidade compreensível e transcendente” (ROCA, 1980, p.33). Assim como em Bel Ville, o autor demonstra em Córdoba a

mesma preocupação com os espaços públicos e com a articulação de edifícios arquitetônicos significativos. Novamente, a rua é afirmada como edifício, como uma “sucessão de quartos articulados nas esquinas [que] surge, como a cidade, da vontade de encontro” (*ibidem*)².

Tanto na argumentação do texto, quanto na proposta que aparece com maior vigor neste – a definição de ruas de pedestres no centro da cidade –, percebe-se com nitidez a presença do referencial de Kahn, em especial de suas reflexões sobre a “ordem do movimento”. Se, por um lado, este é citado diretamente somente uma vez no texto³, por outro, seus conceitos, definições e figuras de linguagem são largamente empregados. Transparece, na proposição da rua como edifício, a sua vontade de vir a sê-lo, asseverada por Kahn (cf. KAHN, 1996c, p.29). Os argumentos e metáforas associados ao projeto para Filadélfia do arquiteto americano reaparecem na Córdoba proposta por Roca. Busca-se para esta um modelo de cidade voltada para o pedestre; uma “autêntica arquitetura

do movimento” (ROCA, 1980, p.33). Tal qual “o centro é a catedral da cidade” para Kahn (*loc. cit.*, p.30), a praça passará a sê-lo, para Roca, na escala do centro, haja vista à sua condição de “monumento de celebração do encontro” no tecido urbano (ROCA, *loc. cit.*).

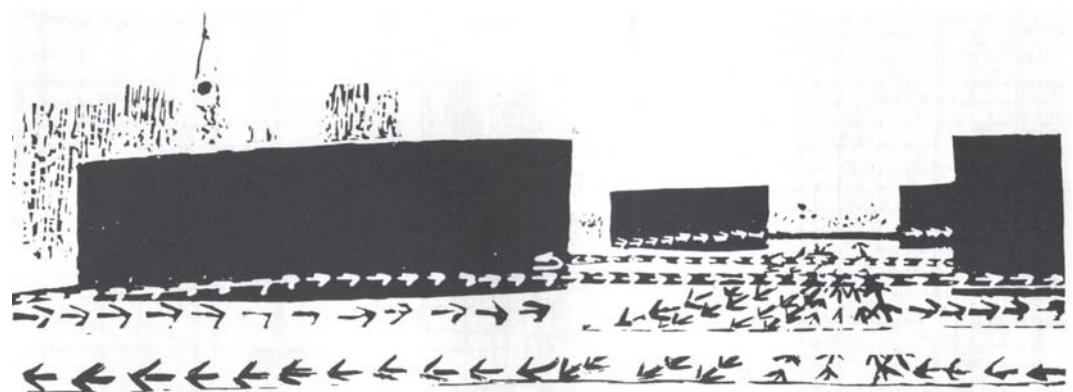
A prioridade ao pedestre em Córdoba é garantida pela construção de “docas” – estacionamentos – que representam “muralhas” contra a destruição da área central pelos veículos automobilísticos (ROCA, 1980, p.34); impossível não ouvir aqui o eco das palavras de Kahn:

“As vias expressas são rios que precisam de portos. As ruas são canais que precisam de docas. A arquitetura dos locais parada é igualmente importante à das grandes muralhas que contornavam as cidades medievais. (...) A cidade moderna se renovará a partir do conceito de ordem do movimento que a protegerá de sua destruição pelo automóvel”. (KAHN, 1996c, p.29, grifo no original)

Assim como a Filadélfia de Kahn⁴, Córdoba é redimensionada sob o enfoque do pedestre, das distâncias que este é capaz de percorrer. Defende-se a multifuncionalidade da área central e critica-se a exclusividade comercial do shopping center⁵.

A tônica no ideário de Kahn é, de fato, um traço marcante do texto, manifesta-se clara e repetidamente neste; contudo, entre os argumentos utilizados para justificar as demais proposições da estratégia geral para Córdoba – para as quais Roca destina somente dois parágrafos de seu texto –, desvelam-se algumas questões que, posteriormente, tornar-se-ão mais relevantes na reflexão de Roca sobre sua produção. Primeiramente, entre referências a Kahn, o arquiteto argentino associa sua proposição de uma cidade para pedestres ao estabelecimento de uma cidade figurativa: apresenta-as quase como sinônimos, sem buscar definir o que seria esta última. Em uma única frase na qual a expressão “cidade figurativa” aparece, Roca vincula duas inquietações distintas – a ordem do movimento e a recuperação dos espaços públicos tradicionais –

Figura 3: A Ordem do Movimento, esquema conceitual de Louis Kahn. Fonte: GUIRGOLA E MEHTA, 1994, p.186.



As vias expressas são como os RIOS.
 Esses RIOS não devem ser obstruídos
 Os RIOS têm PORTOS
 Esses PORTOS são os estacionamentos municipais com vários níveis
 Desses PORTOS sai uma rede de CANAIS que servem o centro
 Os CANAIS são as ruas de movimento moderado
 Os CANAIS terminam nas DOCAS sem saída
 As DOCAS formam os acessos aos edifícios

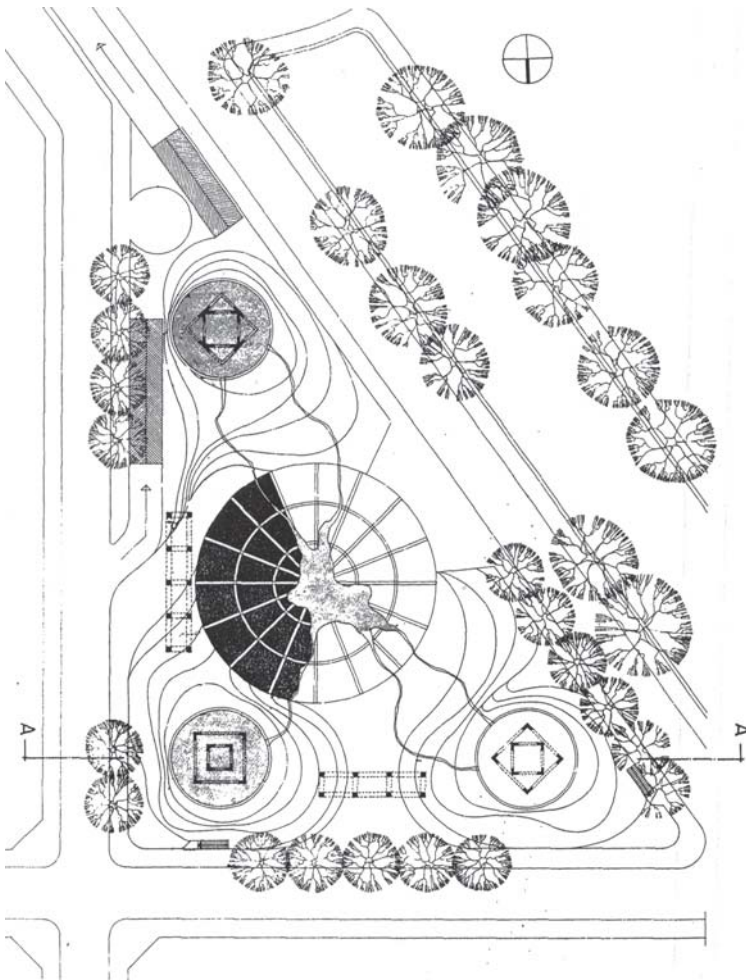
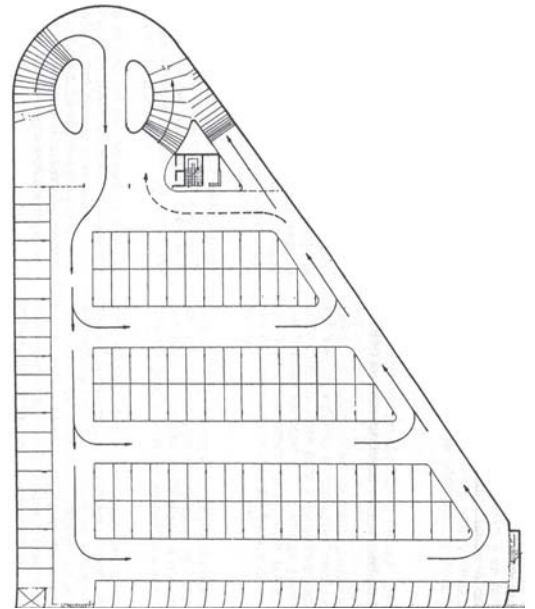


Figura 4: As docas de Roca. Planta do terreno da Praça Itália. Fonte: ROCA, 1980a, p.45.

Figura 5: Planta do estacionamento subterrâneo (doca) da Praça Itália. Fonte: ROCA, 1980a, p.46.



sem se preocupar em explicar como esta aproximação se daria. Na seqüência, ao apresentar seu projeto de reabilitação de mercados de bairro, afirma que a cidade é uma “associação de bairros” e que estes edifícios são “nós da pátria do bairro”; mais uma vez, mescla-se de forma intrincada o ideário de Kahn às reverberações de discussões então contemporâneas. No último parágrafo do texto faz um apanhado geral de todas as outras intervenções não abordadas no texto. Nesse, a unificação da estação ferroviária com um terminal de ônibus é exposta como uma maneira de recuperar os “corações de bairro” – expressão associada, geralmente, tanto ao VIII CIAM, como a releitura de Sitte na década de 1950.

O segundo artigo da seqüência, “*La ciudad de Córdoba en remodelación: renovación urbana II*”, destina-se à exposição da recuperação do Rio Suquia e do projeto para o Centro Cultural Pasaje Revol. Neste texto desaparecem as reflexões gerais sobre a cidade e a vinculação com o ideário de Kahn: trata-se, na verdade, da publicação de memoriais descritivos acompanhados dos desenhos correspondentes. Na descrição da intervenção no rio Suquia, no entanto, este é afirmado como fator estruturador da paisagem urbana cuja recuperação através da criação de áreas recreativas possibilitaria a “articulação da vida social dos bairros contíguos” (ROCA, 1980b, p.53).

A primazia da descrição objetiva não permanece no terceiro texto, “*Córdoba: renovación urbana III. Refuncionalización de mercados*”, apesar de ele ser, assim como o segundo, voltado à apresentação de projetos – neste caso as reabilitações dos mercados San Vicente e Pueblo General Paz. O referencial de Kahn, contudo, tão relevante na apresentação da estratégia geral, novamente desaparece ao se expor a materialização de fragmentos desta. Por outro lado, a idéia da cidade como uma associação de bairros reaparece, e agora com maior intensidade:

“No âmbito das políticas culturais de promoção da cidade como associação de bairros, de um município descentralizado e multipolar, de uma vida social rica, de recuperação da identificação dos habitantes com seu artefato urbano, inscreve-se a ação de reabilitação dos atuais mercados vicinais, que tendo perdido sua função inicial (...) continuam carregados de valor significativo como ritos urbanos e, por isto, capazes de alojar atividades comunitárias centrais.” (ROCA, 1981, p.48)

Percebe-se, nestes últimos textos de Roca sobre Córdoba, uma maior valorização do debate contemporâneo da arquitetura e do urbanismo, manifesta na utilização do conceito rossiano de cidade como “artefato urbano” e na compreensão da cidade como conjunto de bairros, que é, novamente, associada à idéia de coração de bairro (cf. ROCA, 1981, p.48).

Paulatinamente, o discurso de Roca – analisado a partir de seus registros na Summa – parece afastar-se de suas bases e preocupações iniciais, abandonar questões metafísicas sobre o fazer arquitetônico, para aderir a questões inseridas no debate profissional contemporâneo. Tal mudança não seria em si singular se não fosse pela conjunção de dois fatores. Primeiro, antes de promover a transformação de seu discurso, Roca já havia proposto algo muito semelhante ao que iria desenvolver para Córdoba, em uma menor escala menor, em Bel Ville. Segundo, não se deve perder do campo de análise de que toda esta derivação ocorre no recorte temporal de somente dois anos. Se a idéia de intervenção em si já transparece em 1978 no projeto para outra cidade da província cordobesa, por que a sua revisão sob novo ideário?

E, sobretudo, como compreender o fato desta mudança ocorrer num período tão curto? Poder-se-ia supor que apenas a passagem pela prefeitura seria capaz de promover tamanha reversão?

E Córdoba surge como um conjunto de reconstruções e de cidades dentro da cidade

Por ocasião da décima primeira Bienal Internacional de Paris⁶, em 1980, decide-se por dar maior destaque à arquitetura – que, historicamente, tinha uma importância secundária na exposição que priorizava as artes visuais (EATON e ROLLER, 1980). Logo, cria-se uma seção especial para esta denominada “*A la recherche de l’urbanité: savoir faire la ville, savoir vivre la ville*”. Segundo Eaton e Roller (1980, p.3), o “interesse crescente pelo problema da cidade” teria motivado esta atenção dedicada especial à arquitetura na exposição francesa. Nesta seção arquitetônica, cuja curadoria fora de Georges Boutaille, foram expostos mais de sessenta arquitetos, todos com menos de quarenta anos, provenientes de dezessete países diferentes (EATON e ROLLER, *loc. cit.*).

O único projeto representante da América Latina foi um do qual Roca participou – juntamente com Luis Bedit, Sandro Borghini, Edgardo Minond, Ruben Pesci e Carlos Ramos – para o centro de Buenos Aires⁷. No texto do *AD Profile 31* (1980) organizado sobre a exposição, o projeto é apresentado como “originário de uma idéia de Jorge Glusberg” (EATON e ROLLER, *loc. cit.*). Trata-se da primeira exposição internacional da qual Roca participa; antes desta, a obra do arquiteto fora exibida somente em uma outra exposição, esta individual, organizada por Jorge Glusberg no CAYC – *Centro de Artes y Comunicación* – de Buenos Aires, em 1979.

A iniciação através da Bienal de Paris, no entanto, rendeu-lhe frutos: o mesmo número da revista *Architectural Design* que apresenta o relato desta exposição dedica-lhe um dossiê de quinze páginas – no qual se incluem uma introdução de Christopher Jones, um texto de Roca e a abordagem geral de sua obra por Jorge Glusberg. Busca-se, segundo o editorial, cobrir “o espírito poético” que alenta a arquitetura do arquiteto argentino. Um ano mais

tarde, este teria uma exposição individual em Londres organizada em parceria entre a *Architectural Design* e o CAYC⁸, realizada durante os meses de setembro e outubro de 1981 na *AD Gallery*.

A análise do catálogo desta exposição, editado inicialmente em 1981 e reeditado em 1985, surpreende-nos em alguns aspectos. O primeiro é o fato de a edição de 1985 incorporar novas obras de Roca – realizadas entre 1981 e 1984 – chegando a criar para estas um novo capítulo – intitulado “Intervenções urbanas: estratégias de reabilitação, valorização e novos desenhos reconstituindo o tecido urbano”. Neste acréscimo, são apresentados: as intervenções de Roca para Santiago do Chile – o Mercado Central, a Praça Pratt e a Estação Maponcho, de 1982 –, as propostas em San Martin de los Andes – cidade em Neuquen, província na Patagônia argentina – realizadas em 1983 e os projetos do Passeio da Luz e do Edifício Santiago do Estero, ambos de 1984. Enquanto as duas primeiras inserem-se numa escala urbana e configuram-se de forma semelhante ao trabalho desenvolvido em Córdoba, os dois últimos abordam a escala do edifício e a sua relação com a rua.

Entretanto, mais do que a incorporação de uma obra realizada *a posteriori* da exposição que o catálogo pretende divulgar, o que salta aos olhos durante a leitura desta publicação é o fato de apresentar a totalidade da obra de Roca e de organizá-la sob *leitmotiven* até então ausentes no discurso do arquiteto argentino. Os conjuntos habitacionais que este projetou entre 1971 e 1978, por exemplo, são apresentados como “cidades dentro de cidades”. As praças e as ruas de pedestres criadas em Córdoba – inclusive a Praça Espanha, cujo projeto fora desenvolvido em 1969 – são apresentadas como a “reconstrução do espaço público”. Como “nós sociais, lugares da comunidade” não são somente apresentados os mercados de bairro reabilitados; mas, também, as sedes do Banco da Província de Córdoba, projetadas ao longo do ano de 1972, sedes de corporações, edifícios de escritórios, centros administrativos e comerciais; enfim, uma série de outras edificações que, ao contrário das primeiras, nunca tinham sido abordadas pelo arquiteto sob o ideário comunitário.

Fato ainda mais curioso é que estas obras são acompanhadas por descrições já publicadas anteriormente em revistas especializadas – notadamente a *Summa* – no período de sua realização. Estas compõem, desta forma, um todo heterogêneo, no qual o discurso, por diversas vezes, modifica-se radicalmente ao virar a página. Apenas os textos introdutórios de cada capítulo costumam as obras a partir de um único discurso, buscam dar coerência, através da indicação da leitura adequada, ao conjunto de trabalhos que agrupam. Logo, é sobre estes textos que iremos nos debruçar.

Como compreender a revisão, empreendida por Roca, da totalidade de sua obra a partir de expressões como “reconstrução” e “cidades dentro da cidade”? Qual o significado do emprego destas figuras retóricas por Roca? Para tentar responder a estas questões é necessário, antes de tudo, tentar compreender o emprego destas expressões no debate da arquitetura e do urbanismo entre meados da década de 1970 e de 1980.

Abordaremos, primeiramente, o termo *reconstrução*, empregado largamente na Europa neste período. Obviamente, reconstrução implica reedificar algo que fora arruinado, entretanto, não se pode falar neste período em destruição causada pela Segunda Guerra Mundial, visto que a construção de habitação em massa a fim de recuperar seus estragos causados já havia sido completada e que, já nos anos 1960, surgiram as primeiras críticas aos espaços urbanos gerados através desta reconstrução. O que se buscava reconstruir então? O que fora arruinado?

Se os destroços de guerra já não marcavam mais a paisagem da maioria das cidades européias, novas demolições, todavia, faziam-se presentes – tanto no velho, quanto no novo mundo –, motivadas pelas chamadas renovações urbanas, ou seja, a demolição de áreas centrais para construção de novos tecidos urbanos. O impacto de tais demolições na população residente foi descrito em diversos textos. Marshall Berman (1996) – em seu livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar” –, por exemplo, narra de forma comovente a destruição de seu bairro de infância, o Bronx, para dar lugar a uma avenida expressa idealizada por Robert Moses, no final dos anos 1950. Sennet (1999), por outro lado, descreve organização de um movimento comunitário em

Forrest Hills, Nova York, no início dos anos 1970, que se opunha à construção de um grande conjunto habitacional que alteraria a paisagem deste bairro. Cotejada a estes registros e a outros tantos relatos, compreende-se a repercussão das críticas de Janes Jacobs e o impacto que tiveram suas asserções sobre a existência de uma ordem sob o aparente caos da “cidade velha” que permitira, durante muito tempo, o estabelecimento da animação pública nas ruas (JACOBS, 2000). A estas críticas seguiram-se outras tantas direcionadas às renovações urbanas realizadas sob inspiração no modelo de cidade proposto pelo Movimento Moderno. Somaram-se a estas as conclusões dos trabalhos de Lynch e, sobretudo, os resultados das pesquisas sobre a tipo-morfologia iniciada pelos italianos nos anos 1950 cujo produto ensejou uma espécie caldeirão de base que permitiu o emprego da palavra “reconstrução” pelos arquitetos europeus, nos anos 1970 e 1980, com a repercussão de grande comoção coletiva. Ao empregá-la, estabelecia-se a possibilidade de filiação aos movimentos organizados para parar as construções, registrados, já na década de 1960, em diversos lugares – veja-se, al Bruxelas⁹ e Berlim¹⁰, por exemplo. Mas, o que se pretende neste momento por reconstrução? Discorre-se sobre um uso literal – reconstruir a antiga cidade tal qual – ou sobre um emprego metafórico – utilizar-se de algumas de suas propriedades?

Primeiramente, deve-se advertir que nunca existiu um conceito único para a chamada reconstrução, diferentes grupos empregaram-na com conotações distintas¹¹. Visto que a abordagem em si de todas as conotações desta figura retórica ultrapassaria os objetivos de nosso trabalho, versaremos aqui sobre duas que ensejaram definições precisas. Uma é a “reconstrução crítica” formulada por Kleihues, em meados dos anos 1980, durante o processo de organização da IBA; outra é a idéia de “reconstrução da cidade européia” pregada por Léon Krier e seus simpatizantes – cuja formulação foi sistematizada pela primeira vez no catálogo da exposição *Rational Architecture*, realizada em Londres em 1975.

Nós podemos dizer que nos anos do pós-guerra, as cidades européias foram mais destruídas fisicamente e socialmente do que em qualquer outro período de sua história, inclusive as duas guerras mundiais. (...) A construção, antigamente uma

promessa, constitui atualmente uma ameaça para a coletividade. (KRIER, 1978, p.34)

O excerto acima, retirado do texto de Léon Krier para o supracitado catálogo, representa convenientemente a idéia de destruição a qual se contrapunha a possibilidade de reconstrução. Na tentativa de se constituir um discurso único através desta exposição coletiva, Krier identifica entre os projetos arquitetônicos reunidos na mostra uma mesma “reflexão sobre a cidade e sua história, sobre seu emprego e seu conteúdo social” e uma preocupação comum para com a “recriação do espaço público” (KRIER, 1978, p.35). Esta exposição que introduz o conceito de “reconstrução” do grupo de Krier trata-se da primeira tentativa de internacionalizar um movimento – nomeado Resistência Antiindustrial – organizado em torno das lutas urbanas de Bruxelas, nos anos 1960 e 1970, e cuja base de ação dava-se a partir da Escola de Arquitetura La Cambre através da elaboração de contrapropostas que fomentavam as reivindicações sociais¹². Como desdobramento deste anseio de afirmação internacional, um colóquio internacional sob o título “A Reconstrução da Cidade Européia” fora organizado, ainda em 1978, em Bruxelas, do qual participaram – além de Léon Krier, Culot, Delevoy, Schoonbrodt e outros membro da escola La Cambre – arquitetos e urbanistas da França, Bélgica, Espanha e Itália que já haviam estabelecido contato com esta escola durante os anos 1970 (cf. ELLIN, 1999).

Se, num primeiro momento, o conceito de reconstrução do grupo de Krier aparece de forma mais vaga e abrangente, permitindo sua aproximação a outros distintos a partir de uma crítica comum à destruição das cidades pela ação do capitalismo; na seqüência, contudo, a estratégia para alcançá-la tornar-se-á mais clara e incisiva definindo-a como a imitação exata da cultura arquitetônica e urbanística pré-industrial (cf. CULOT, 1980). Através desta definição estrita e precisa ocasiona-se o afastamento progressivo dos antigos associados – Panerai, por exemplo, participou do colóquio de 1978 em Bruxelas e, no entanto, já em 1980, criticava a defesa de Krier da existência de uma única cidade européia através da contraposição de *diversas* cidades européias (cf. PANERAI, 1999). Vista como um projeto global

“filosófico, político e técnico” a “reconstrução da cidade européia” é, contudo, abordada pelo grupo de Krier como um projeto teórico por ser incompatível com o sistema capitalista: nega-se tudo o que ocorreu após a Revolução Industrial; deve-se, impreterivelmente, retornar ao passado.

No extremo oposto estaria a “reconstrução crítica” de Kleihues, vista como “um manifesto em defesa da pluralidade” (PASSARO, L. B., 2001, p.63). Ou seja, enquanto o grupo de Léon Krier define claramente o período específico de uma “cidade européia” ao qual deve proceder a imitação, Kleihues aborda a Berlim destruída¹³ a partir de uma postura que permite a coexistência e a experimentação de diferentes arquitetos expoentes. Não se trata de uma negação do Movimento Moderno, mas, pelo contrário, da busca do estabelecimento de um diálogo entre o tradicional e o moderno. Apoiando-se asserções sobre a interdependência entre tipos edifícios e morfologia urbana de Aldo Rossi, bem como na diferenciação entre a cidade moderna e a tradicional demonstrada através de esquemas de figura-fundo por Collin Rowe, a orientação de Kleihues prioriza a inserção urbana, “mais do que (...) a experimentação a partir do objeto arquitetônico individual” (PASSARO, L. B., *op. cit.*, p.45). Desta forma, as diferentes posturas arquitetônicas –

independentemente de suas possíveis dissonâncias – inserem-se no contexto de retomada da cidade existente, na qual o traçado histórico fornece a base para as intervenções e para seu enquadramento.

Ou seja, através do emprego da expressão “reconstrução crítica” permite-se a recuperação da morfologia do tecido da cidade destruída e, ao mesmo tempo, a pluralidade das experimentações arquitetônicas inseridas dentro desta. Esta definição de reconstrução é totalmente antagônica à de Léon Krier, para o qual: “O pluralismo de estilos não é signo de prosperidade cultural de felicidade, democracia ou riqueza. Ele marca o momento no qual o interesse particular e privado sobrepõe-se à cultura pública e comum” (KRIER, 1980).

Assim como a idéia de reconstrução teve forte apelo no período em questão, a expressão “cidade dentro da cidade” fez-se presente em diferentes discursos arquitetônico-urbanísticos. A idéia por trás da expressão não é, de fato, nova: trata-se, na maioria dos casos, ou de uma nova roupagem para a concepção de Unidade de Vizinhança¹⁴, ou de uma reinterpretação da cidade como uma “confederação de comunidades” de Gaston Bardet (cf. LUCAN, 2001, p.27). Entretanto, diferentes arquitetos assumirão a autoria desta expressão no mesmo período.

Figura 6: Confederação de Comunidades de Gaston Bardet. Fonte: LUCAN, 2001.

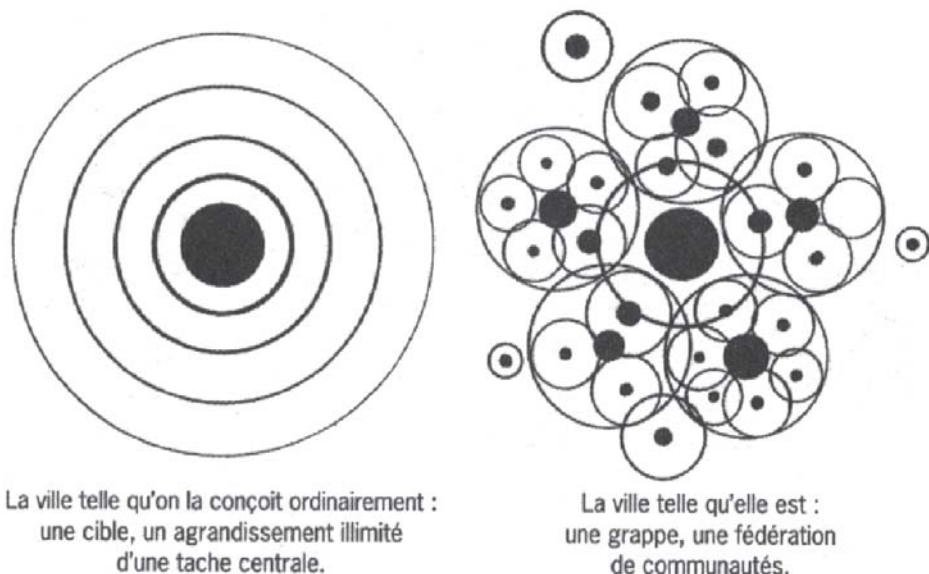
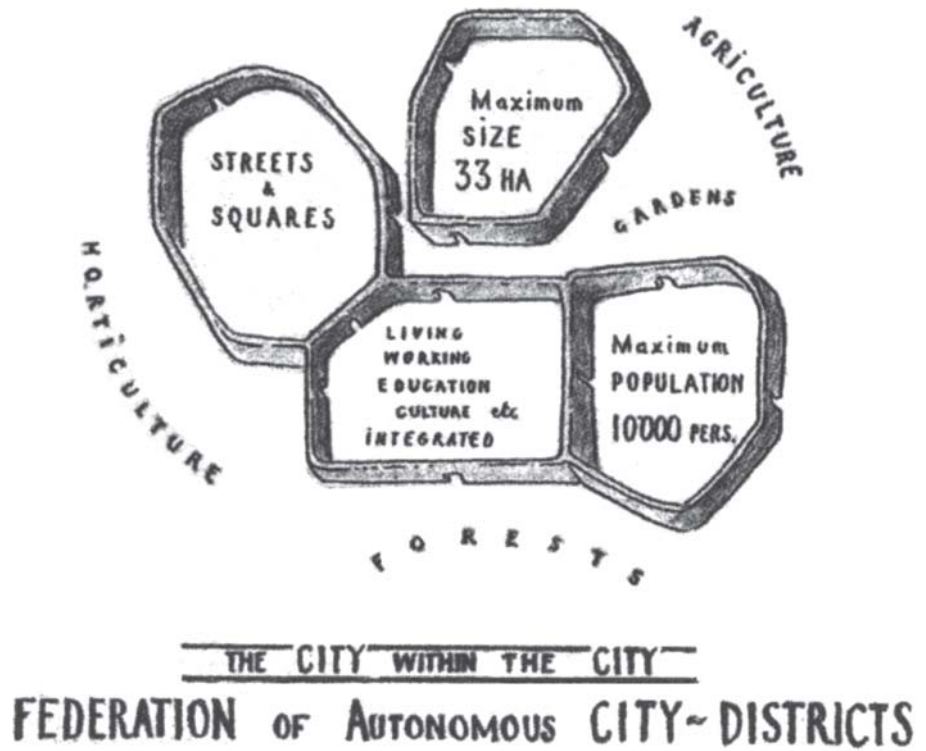




Figura 7: A Cidade dentro da Cidade de Léon Krier. Fonte: WATKIN, 1992.



Segundo Passaro (*op. cit.*), o conceito de “cidade dentro da cidade”¹⁵ teria sido cunhado por Oswald Mathias Ungers e “discutido amplamente na primeira *Sommerakademie* de arquitetura em Berlim” (*ibidem*, p.22). Organizada com o auxílio da Universidade de Cornell, por Ungers, Rem Koolhaas, Peter Riemann, Hans Kollhof e Arthur Ovaska, nesta *Sommerakademie*, realizada em dezembro de 1977, foi apresentada a proposição, assinada pelos organizadores do evento, de leitura e planejamento de Berlim como uma cidade-arquipélago, um somatório de “cidades dentro de cidades”. Este texto seria republicado no ano seguinte no número 19 da *Lotus International*, do qual extraímos o seguinte excerto:

A idéia de ‘cidade dentro da cidade’ é o conceito básico para o futuro replanejamento urbano de Berlim. Está substanciada na imagem de Berlim como cidade-arquipélago. As ilhas urbanas terão identidade própria ao manter sua história, estrutura social e características ambientais. A cidade como um todo será a confederação de todas estas cidades individuais com distintas estruturas, organizadas a partir de uma lógica deliberadamente antitética. (...) O projeto pluralista para a ‘cidade dentro cidade’ está assim em oposição à teoria contemporânea que parte da definição da cidade como um todo unitário. (UNGERS et al, 1978, p. 86)

A leitura de Berlim como uma cidade-arquipélago ou “cidades dentro da cidade” implica a autonomia entre as partes/ilhas. Este sistema de ilhas arquitetônicas cercadas por lagos florestas não permite a percepção de um todo conciso, mas num somatório de estruturas individuais antitéticas¹⁶. Segundo os autores, “Berlim nunca seguiu apenas uma idéia, mas foi formada a partir de idéias divergentes. Tese e Antítese coincidem aqui como o inspirar e o expirar” (UNGERS et al, 1978, p. 94), ou seja, o planejamento desta metrópole como um conjunto de cidades com identidades próprias e opostas permitiria a continuidade desta característica de independência e divergência observada pelos autores.

Não se pode deixar de escutar, neste conceito de “cidades dentro da cidade” como unidades autônomas antitéticas, notas que reverberam a “Cidade do Globo Prisioneiro” de Koolhaas. Esta

cidade imaginária idealizada em 1972 seria apresentada em 1978 – data da primeira edição do *Delirious New York* – como um arquipélago de “cidades dentro de outras cidades” definidas por uma retícula ou outra subdivisão do território metropolitano na qual “quanto mais cada ilha exalta os valores distintos, mas se reforça a unidade do arquipélago como sistema” (Koolhaas, 2004, p.296). De forma semelhante, Manhattan é descrita por Koolhaas (*op.cit.*), ao longo do livro supracitado, como uma cidade de torres, regida por uma “cultura do congestionamento”, na qual cada edifício representa uma “cidade dentro da cidade”¹⁷.

Ao contrário da definição do conceito de “cidade dentro da cidade” dos organizadores da primeira *Sommerakademie*, o de Léon Krier não permite tamanha pluralidade entre as partes. Publicado pela primeira vez na revista A+U de Tóquio, em novembro de 1977 – ou seja, no mês anterior ao evento Berlinense –, “a cidade dentro da cidade” de Krier é apresentada como resultado da análise de bairros de cidades européias consolidadas, a saber, um padrão passível de ser observado em cidades ditas “tradicionais” – Berna, Florença, Paris, Luxemburgo, entre outras. Curiosamente o bairro europeu de Krier é descrito através de atributos muito semelhantes aos da Unidade de Vizinhança¹⁸, como esta, aquele possui: um tamanho máximo em população e superfície definido – 35 hectares e 15000 habitantes –; funções urbanas locais periódicas – “residencial, educacional, produtiva, administrativa, recreativa, etc” (KRIER, 1978) – e limites claros, definidos por avenidas nas quais se concentram as atividades “que poderiam sobrecarregar ou superlotar um simples bairro” (KRIER, *op. cit.*). O tamanho máximo a ser percorrido também é definido pela distância confortável de uma caminhada: “A fadiga determina o limite natural que o homem está preparado para andar diariamente e este limite mostrou ao homem, através da história, o tamanho das comunidades rurais e urbanas confortáveis” (KRIER, *op. cit.*).

Em suma, o conceito definido por Krier possui contornos precisos, vinculados ao projeto de reconstrução da cidade européia e incompatíveis com a pluralidade inerente ao conceito definido na *Sommerakademi*. Anos mais tarde, Koolhaas se

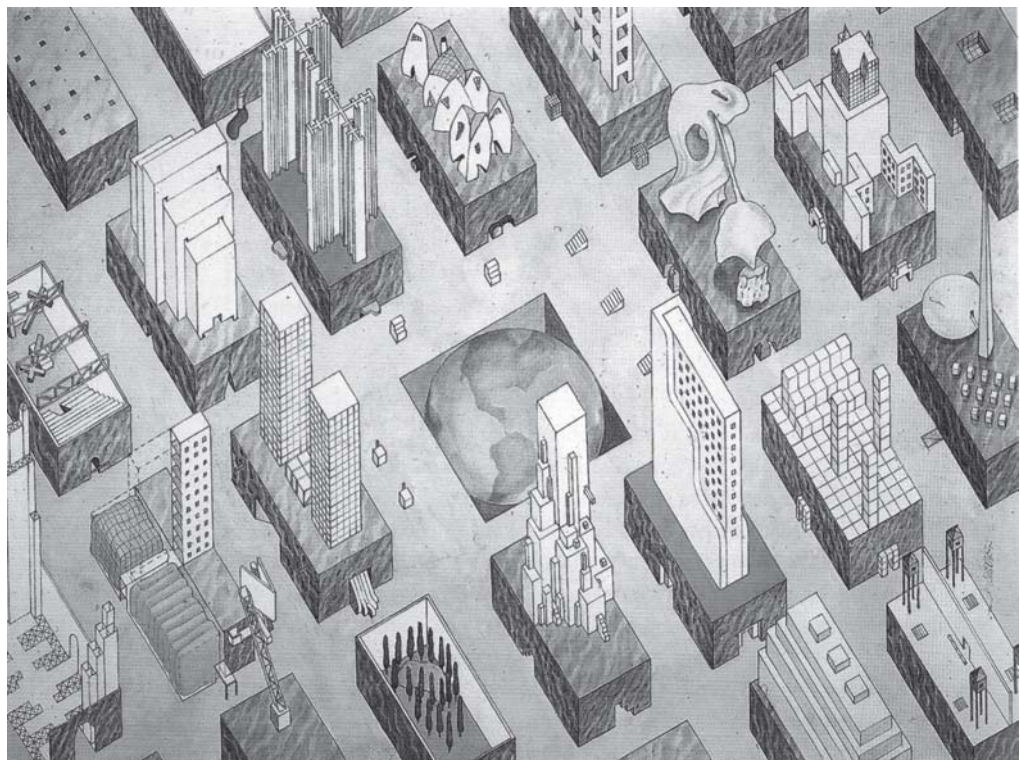
referiria ao debate arquitetônico-urbanístico dos anos 1970 com dividido entre o grupo de Krier e o seu oposto:

Nossa geração respondeu de duas maneiras à condição urbana contemporânea. Uma parte basicamente ignorou ou, para dar uma interpretação mais positiva, resistiu corajosamente à cidade, como fez a grande reconstrução teórica de Washington de Léon Krier. (...) Outra parte de minha geração tomou a direção exatamente oposta. Considera-se, por exemplo, o projeto do grupo Coop Himmelblau para uma nova cidade nas proximidades de Paris, chamada Melun-Sénart. Enquanto Léon Krier e metade da sua geração estão reconstruindo a cidade, o Coop Himmelblau e a outra metade abandonam toda a pretensão de que seja possível reconstruí-la, desistindo de nossa capacidade até

mesmo de reconstruir qualquer forma reconhecível de cidade. (KOOLHAAS, 1994)

Tendo-se descrito abordagens distintas de "reconstrução", e de "cidade dentro da cidade" coetâneas ao emprego destas por Roca, resta saber com qual conotação este o faz, ou melhor, dentro de qual grupo este se insere. Ora, de forma semelhante às cidades imaginárias de Koolhaas, o catálogo supracitado da exposição de Roca apresenta uma suposta cidade imaginária do idealizada pelo arquiteto argentino. Curiosamente, o que é apresentado como uma reflexão, elaborada através do desenho, sobre a cidade é, na verdade, a união sob um território imaginário de projetos arquitetônicos e obras executadas realizados por Roca em momentos e lugares distintos – ver figura 9.

Figura 8: A cidade do globo prisioneiro. Fonte: KOOLHAAS, 2004.



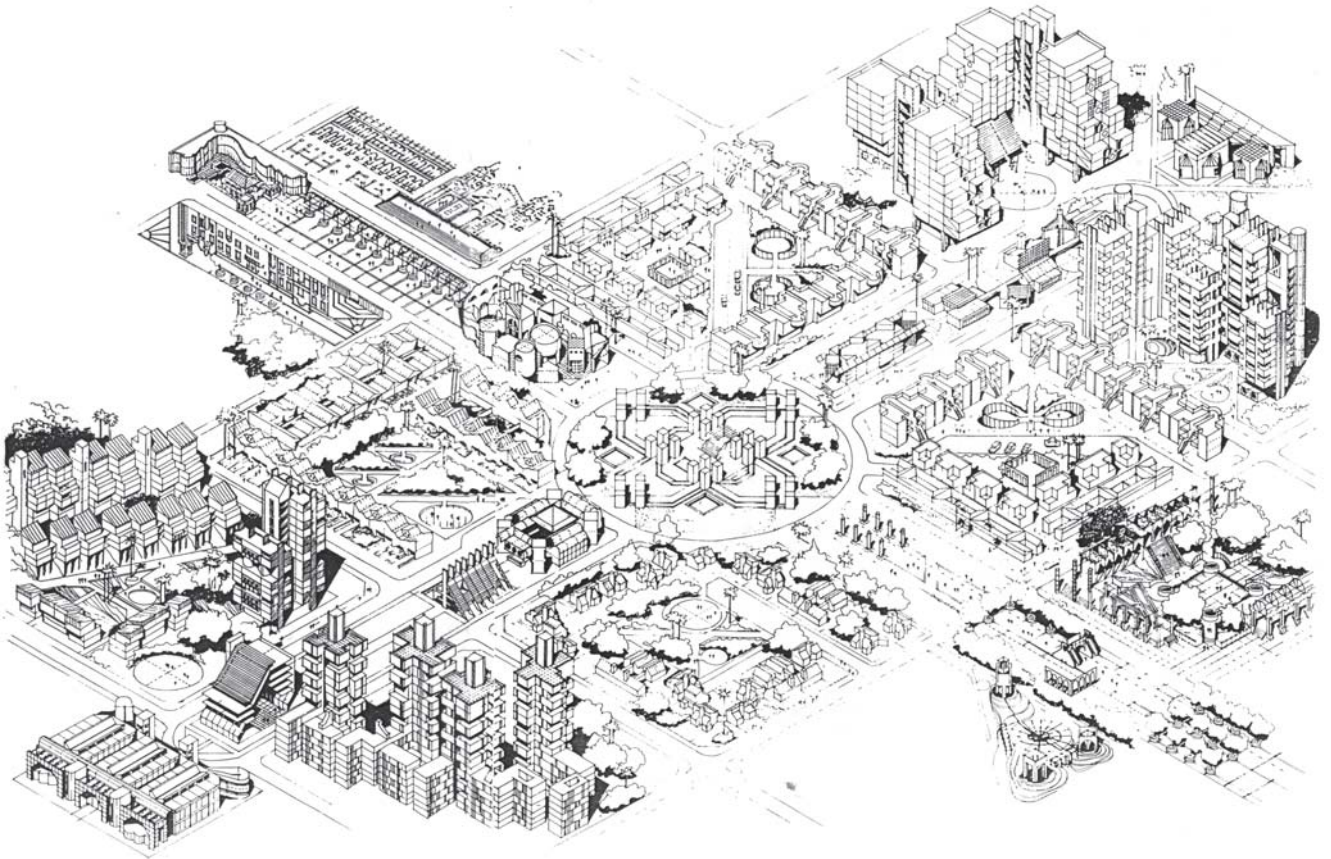


Figura 9: A cidade imaginária de Roca. Fonte: ROCA, 1984a.

Por outro lado, nos textos introdutórios aos capítulos do catálogo é corrente a afirmação de Roca da existência de um projeto teórico – que se apóia na utopia – por trás do conjunto de sua obra. A referência à proposição de projetos teóricos era corrente no supracitado movimento pela “Reconstrução da Cidade Européia” – ou a “Resistência Antiindustrial” – para o qual a proposição de projetos teóricos não tinha por objetivo sua concretização, mas sim fomentar as lutas urbanas – edificar dentro do sistema capitalista seria contribuir para a destruição das cidades (KRIER, 1981). Tais projetos baseavam-se numa utopia social em que os bairros de usos mistos – percebidos

como dotados de natureza subversiva que auxiliava as manifestações populares (NIERINCK, 1978) – representavam a estrutura física de uma nova sociedade.

Seria a cidade imaginária de Roca uma referência a seu possível projeto teórico – como os realizados pela Resistência Antiindustrial – ou o estabelecimento de um diálogo com as cidades imaginárias de Koolhaas? Estaria nesta cidade imaginária um caminho para a compreensão da conotação do emprego dos *leitmotiven* analisados no discurso de Roca? Haveria uma referência direta a um dos vieses descritos ou um viés próprio?

Paralelismo e inversão ou A contraproposta em Roca

Nós não podemos então estar ao mesmo tempo no campo dos arquitetos construtores, por mais bem intencionados que eles sejam, e no campo dos arquitetos teóricos que são os únicos, através de um método de pensamento racional, suscetíveis a aprender algo além da reprodução mais ou menos servil do modelo cultural dominante. (CULOT e KRIER, 1978, p.43)

O texto de Oriol Bohigas que fecha a o catálogo da exposição de Miguel Angel Roca talvez nos permita uma chave para responder a essas questões. Intitulado “*The profession as a cultural framework*”, esse faz uma apologia ao exercício da profissão em oposição ao seu desprezo, freqüentemente presente junto à crítica ao Movimento Moderno, no qual a atuação profissional é entendida “como uma atitude conformista, acrítica, sem circunscrição cultural e adequada ao *status quo* econômico e social” (BOHIGAS, 1984, p.179). Segundo o arquiteto catalão, este isolamento em relação à prática teria levado a “alguns setores da arquitetura recente a aceitação dos repertórios simbólicos mais convencionais” (BOHIGAS, op. cit., p.180). Neste quadro geral, Bohigas vê em Roca uma contraproposta, ou seja, um exemplo. Nele “a arquitetura sempre passou pela produção e pelo controle de acordo com os instrumentos da profissão” (BOHIGAS, op. cit., p.180).

A idéia de que Roca e seus projetos poderiam servir como alternativa também está presente no texto “*A Blend of Opposites*” de Glusberg – publicado inicialmente na *Architectural Design*, de dezembro de 1981. No editorial que apresenta o texto do crítico argentino, afirma-se que Roca estaria salvando sua cidade do destino de destruição compartilhado por outras urbanizações em países em desenvolvimento. A qual postura projetual a obra de Roca poderia aparecer como uma alternativa? E, qual seria a relação que esta busca por uma contraproposta poderia estabelecer com o uso de *leitmotiven* arquitetônicos contemporâneos até então alheios ao seu discurso?

A comparação entre os catálogos das exposições *Rational Architecture* e *Miguel Angel Roca* nos permite entrever a resposta para tais questões.

Organizada por Léon Krier em 1975, na seqüência da 15ª Trienal de Arquitetura, de 1973 – cujos projetos e textos foram reunidos por Aldo Rossi sob o título “*Architettura Razionale*” – a seleção de projetos expostos na *Rational Architecture* compreendia, dentre outros, alguns dos já exibidos na exposição homônima italiana. Nas palavras de seu curador, os projetos selecionados “constituíam um novo movimento arquitetônico, um enfoque crítico sobre a renovação da cidade européia” (KRIER, 1978, p.35). Na apresentação do catálogo, Delevooy – então diretor da Escola de Arquitetura *La Cambre* – afirma que esta publicação “se estende como um guia, se apresenta como um corpus, se desenvolve como um método, se reúne como um manifesto” (DELEVOY, p.6). De fato, como já abordado, esta exposição e, sobretudo, o seu catálogo, publicado três anos mais tarde, configuram um primeiro ensaio de transformação de um movimento arquitetônico então vinculado às lutas urbanas de Bruxelas em outro de nível internacional.

Sabe-se que a organização de uma publicação em capítulos e a definição de seus títulos não é inócua, nem casual. Ao se comparar o catálogo de *Rational Architecture* ao da exposição *Miguel Angel Roca* surpreende-se com a semelhança entre os títulos e a organização dos capítulos de ambas. Excetuando-se os capítulos iniciais em que Roca expõe sua estratégia geral para Córdoba, em ambos os catálogos a divisão dos capítulos parece partir da escala do tecido urbano – passando por bairros e tecidos residenciais – para chegar à escala da paisagem, através de proposições para auto-estradas e de parques. Nem sempre, porém, a obra do arquiteto argentino condiz com esta estrutura e para tanto são previstos alguns ajustes. O capítulo sobre auto-estradas, por exemplo, expõe um projeto supostamente destinado a Córdoba que, no entanto, nunca fora executado e nem mesmo publicado em outro meio de divulgação. Outra adaptação é o acréscimo, no catálogo de Roca, de um último capítulo destinado à sua produção de residências unifamiliares, que, claramente, não se encaixava nos capítulos anteriores.

A semelhança entre os títulos dos capítulos é patente. Em alguns casos, os títulos do catálogo de Roca parecem ser complementados pelos da

exposição de 1975 – como é o caso de “A reconstrução do espaço público” em *Rational Architecture* e “Elementos estruturadores da imagem existencial do espaço urbano. A reconstrução do Espaço público” naquele. Em outros, os títulos são praticamente os mesmos: “A habitação como elemento constitutivo de um novo tecido urbano” e “O bairro ou a cidade dentro da cidade” no catálogo da exposição organizada por Krier, correspondem a “A residência como elemento constitutivo do tecido urbano” e “Os bairros ou uma cidade dentro da cidade. Fragmentos urbanos” no de Roca.

Nos textos que introduzem os capítulos – os responsáveis pela costura entre os projetos apresentados, como fora já abordado – as relações tecidas com os textos de Krier também são perceptíveis. Assim como Krier (1978), Roca afirma que “os edifícios públicos, devido a suas funções múltiplas e diversas, possuem a complexidade tipológica suficiente para se constituírem em monumentos” (ROCA, 1984a, p.106). A recuperação do “Rio Primeiro” é exposta como uma forma de tentar resolver a contradição entre a cidade e o campo que nunca foi resolvida, pois “a construção de uma implica na destruição da outra” (ROCA, 1984a, p.158) – preocupação sempre presente no discurso do luxemburguês.

Enfim, as semelhanças e correspondências são numerosas demais para que possamos interpretá-las como coincidências. Certamente, elas não são oriundas do acaso, mas foram cuidadosamente construídas. No entanto, o paralelismo com a exposição organizada por Krier e a retomada de suas expressões são convocadas com um claro objetivo: tornar mais nítida sua inversão. Ao contrário do grupo de Krier – que, neste momento, entende que o arquiteto consciente não deve construir –, Roca executa obras, abundantemente.

Considerações finais

A partir do exposto ao longo deste artigo, torna-se nítida a transformação do discurso de Roca em lapso temporal de somente três anos. Este se desvia da ancoragem no ideário de Kahn para aproximar-se do discurso, então contemporâneo, da busca por uma “cidade figurativa” – compreendida como

a reconstrução, ou resgate, dos espaços públicos tradicionais, de modo geral, e, em algumas vezes, como a leitura da cidade como um conjunto de bairros multifuncionais.

Esta derivação, como vimos, coincide temporalmente com a passagem de Roca pela prefeitura de Córdoba. Todavia, esta por si só não justifica suficientemente a incorporação de *leitmotiven* até então ausentes em sua argumentação. A esta experiência, soma-se o cotejamento da obra de Roca à produção europeia contemporânea, ensejado também neste período. O emprego das expressões “reconstrução” e “cidade dentro da cidade” em Roca, no entanto, não coincide exatamente com nenhuma das definições veiculadas nos meios especializados da época. Se, por um lado, não se pode perceber na recorrência a estas expressões a uma possível filiação, por outro lado, observa-se que esta se dá com o objetivo preciso de servir de resposta – ou contraproposta – a um grupo de arquitetos em específico – o de Léon Krier. A obra de Roca é, através da exposição realizada em Londres, operacionalizada. Torna-se uma demonstração de como é possível construir sem, ao mesmo tempo, afastar-se da idéia de “cidade figurativa”.

Poder-se-ia aventar que esta derivação, demonstrada ao longo do texto, seria algo passageiro e irrelevante. Entretanto, não é o que se percebe na obra e no discurso de Roca. Por mais que este tenha retornado, posteriormente, a suas raízes em Kahn; a idéia da “cidade dentro da cidade” – que aparece timidamente na primeira exposição da estratégia geral para Córdoba – viria a tomar corpo ao longo da década de 1980 e a manifestar-se de forma clara e amadurecida nos “Centros Distritais de Bairro”, em La Paz, em 1987, e nos “Centros de Participação Comunal” realizados em Córdoba entre 1991 e 2000.

Em 1984 – logo após o final repentino da ditadura argentina, motivado pelo desastre da Guerra das Malvinas –, Roca demonstra sua euforia com o processo de redemocratização ao afirmar, em seu livro “*Lugares Urbanos y Estrategias*”, que o projeto de reabilitação dos antigos mercados de bairros como nós de “cidades dentro de cidade” baseava-se em um ideário político:

[Busca-se] uma descentralização que recupere a identidade das pátrias de bairros, a representação e o poder do bairro em um programa de município explodido e vivificado através da ação das bases, uma democratização real da vida urbana através da participação neste nível nas decisões e no uso dos recursos". (ROCA, 1984b, p.172, grifo do autor)

Percebe-se, nesta frase, que a idéia "cidade dentro da cidade" de Roca volta-se para os ideais de democracia presentes na origem da idéia de Unidade de Vizinhaça¹⁹. Logo, não se trata nem de uma forma de garantir pluralidade de estruturas antitéticas, nem de uma estrutura física para uma sociedade futura que se baseia na imitação do passado. Roca propõe uma ode à democracia que se materializa em edificações concretas e no tempo presente.

Referências bibliográficas

- BAREY, André. *Propos sur la reconstruction de la ville européenne : Déclaration de Bruxelles*. Bruxelas: Archives d'Architecture Moderne, 1980.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- BOHIGAS, Oriol. *Ten points on an Urbanistic Methodology*. In: The Journal of Architecture, v. 4, outono, 1999, p.240-244.
- BOHIGAS, Oriol. *The Profession as a Cultural Framework*. In: Miguel Angel Roca. Londres: Academy Editions/ St Martin's Press, 1981, p.179-181.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 3ª reimpressão, 2008.
- CORONA MARTINEZ, Afonso. *Ensaio sobre o Projeto*. Brasília: Ed. UNB, 2000.
- CULOT, M. *Nostalgia, Soul of the Revolution*. in: Architectural Design, nº11/12, 1980, p.44.
- CULOT, Maurice; KRIER, Léon. *The Only Path for Architecture*. Oppositions14, New York, MIT Press, fall 1978, p.39-53.
- EATON e ROLLER, *AD Profile 31. Paris Biennale: Urbanity*. in: Architectural Design, nº11/12, 1980.
- DELEVOY, R. L. *Vers une Architecture*. In : Krier (org) Rational Architecture :The Reconstruction of the European city/Architecture Rationnelle: La Reconstruction de la Ville Européenne, Bruxelles, A.A.M, 1978, p.5-13.
- ELLIN, Nan. *Postmodern Urbanism*. New York: Princeton Architectural Press, 2ª ed (1996), 1999, 399p.
- FRAMPTON, K. *História Crítica da Arquitetura Moderna*, São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GLUSBERG, J. *Miguel Angel Roca. A Blend of Opposites*. in: Architectural Design, v.51, nº12, 1981, p.100-101.
- JACOBS, J. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KAHN, L. *Silence et Lumière*. in: Kahn, Silence et Lumière. Paris: Editions du Linteau, 1996a, p.163-186.
- KAHN, L. *Architecture: Silence et Lumière*. in: Kahn, Silence et Lumière. Paris: Editions du Linteau, 1996b, p.213-224
- KAHN, L. *L'Ordre en Architecture*. in: Kahn, Silence et Lumière. Paris: Editions du Linteau, 1996c, p.27-34 .
- KAHN, L. *Ce que la ville devrait être*. in: Kahn, Silence et Lumière. Paris: Editions du Linteau, 1996d, p.297-299.
- KRIER, Léon. *La Reconstruction de la ville*. In : Krier (org) Rational Architecture :The Reconstruction of the European city/Architecture Rationnelle: La Reconstruction de la Ville Européenne, Bruxelles, A.A.M, 1978, p.33-37.
- KRIER, Léon. "Charter of the Reconstruction of the European City" in: Culot, Leon Krier: *Drawings 1967-1980*, Bruxelles, A.A.M, 1981.
- KOOLHAAS, R. *Delírio de Nueva York*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.
- KOOLHAAS, R. *Beyond Delirius*. in: Canadian Architect. n39, jan. 1994.
- LUCAN, J. *Architecture en France (1940-2000)*. Paris: Le Moniteur, 2001.
- MONTANER, Josep Maria. *Después del Movimiento Moderno: Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*. Barcelona, Gustavo Gilli, 1993.
- Nierinck, Patrice, *Différents projets pour la reconstruction et l'embellissement de la partie de Bruxelles éventrée par la jonction de gares du nord et du midi*, in : AAM, Bruxelas, nº12,1978.
- PANERAI et al. *Analyse Urbaine*. Paris: Éditions Paranthèses, 1999.
- PASSARO, Laís Bronstein. *Fragmentos de uma crítica : Revisando a IBA de Berlim*. Tese. Escola Tècnica Superior d'Arquitectura – Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, 2001.
- ROCA, M. A. *La Sombra es la Luz*. in: Summa, nº 128, setembro, 1978a, p. 23-24.
- ROCA, M. A. *Reflexiones sobre propósitos e temas*. in: Summa, nº 128, setembro, 1978b, p.26-29.
- ROCA, M. A. *La ciudad de Córdoba en remodelación: renovación urbana I*. in: Summa, nº 151, julho,1980a, p.33-49.

- ROCA, M. A. *La ciudad de Córdoba en remodelación: renovación urbana II*. in: Summa, nº 155, outubro, 1980b, p.53-55.
- ROCA, M. A. *La ciudad de Córdoba en remodelación: renovación urbana III*. in: Summa, nº 161, abril, 1981, p.47-54.
- ROCA, Miguel Angel. *Lugares urbanos y estrategias*. Buenos Aires: Nobuko, 2007.
- ROCA, Miguel Angel. *Habitar-Construir-Pensar. Tipología, tecnología e ideología*. Buenos Aires: Nobuko, 2007.
- ROCA, Miguel Angel. *Miguel Angel Roca*. Londres: Academy Editions/St Martin's Press, 1981.
- ROSSI, Aldo. *L'Architecture de la Ville*. Paris: InFolio, 2001.
- ROWE, Colin ; KOETTER Fred. *Collage City*. InFolio editions, Paris, 2002
- SECCHI, B. *Primeira Lição de Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SOUZA, G. B. ; LORTIE, André ; TSIOMIS, Yannis . *Re-dizer e Des-dizer: O Novo Urbanismo na Europa*. Topos (NPGAU/UFMG), Belo Horizonte, v. 01, n. 04, p. 113-123, 2005.
- SOUZA, G. B. *De los desdoblamientos de la Unidad de Vecindad. El espacio comunitario en la Ciudad Policéntrica de Léon Krier*. in: Revista Bitácora Urbano-Territorial (Bogotá), v. 10, p. 8-16, 2006.
- UNGERS, O. M., KOOLHAAS, M., KOLLHOFF, H., OVASKA, A. A., RIEMANN, P. *Cities within the city*. in: Lotus International. L'isolato urbano /The urban block, nº 19, 1978, p.82-97.
- WHITE, M. et WHITE, L. *The intellectual versus the city – from Thomas Jefferson to Frank Lloyd Wright*. Cambridge, Harvard University Press and Mit Press, 1962.

Derivações de um discurso *ou* As Córdoba de Miguel Angel Roca

Gisela Barcellos de Souza

Abstract

This article discusses about the discourse construction and dialectic relationship that it establishes with the practice that it is supposed to legitimize. This question is approached by examining the process of derivation of the speech of Miguel Angel Roca about his whole work, in general, and about its urban interventions in Cordoba, in particular. Thus, we record and analyze the movements through which Roca's reflection about its own production distracts and alienates itself from its initial reference on Kahn and on the philosophy to approaches itself to ideology of the Figurative City.

Keywords: Miguel Angel Roca, figurative city, the city within the city.